

O TRAÇO QUE SUSTENTA O CORPO: ENTRE A IMAGEM E O DISCURSO

Mônica Ferreira Cassana¹

IMPRESSÕES INICIAIS

O corpo feminino vem sendo representado ao longo da história, através de inúmeras materialidades. A interpretação do corpo, na perspectiva das artes e as ciências, nos traz à memória as imagens de corpos que se constituem a partir de suas curvas, dos seios, da pele frágil e delicada. Essa representação do corpo está relacionada à forma, à estrutura do corpo que conhecemos através da anatomia, que propagada incessantemente pelo discurso médico e midiático, produzem um imaginário estabilizado do corpo, através do qual os sujeitos efetuariam seus processos de (des)identificação.

Contudo, entendemos que o corpo não é espaço para saberes consolidados. Formas outras de subjetivação que abrigam relações diferentes com o corpo nos fazem refletir sobre esse efeito de completude que incide no discurso sobre o corpo. Tal efeito se produziria através de um imaginário de que, ao apresentar determinadas formas, o corpo pudesse ser interpretado, a partir de uma perspectiva normativa, como a soma de várias partes. Nessa perspectiva, cada uma dessas partes se assemelharia a um instrumento, utilizado para diversos fins: pernas para nos movimentarmos, mãos para segurar objetos, olhos para enxergar, boca para comer.

No entanto, na concepção da Análise de Discurso, o corpo é entendido como materialidade significativa, através da noção de corpo discursivo (FERREIRA, 2013). Segundo a autora, o corpo pode ser entendido como “materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falta” (FERREIRA,

¹ Docente do curso de Letras na Universidade Federal Pampa (Unipampa – Campus Bagé/RS) e doutoranda no programa de pós-graduação em Letras, na área de Estudos da Linguagem, especialidade Teorias do Texto e Discurso, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2013, p. 78). Dessa maneira, o corpo, tanto quanto a linguagem, está submetido às injunções da ideologia, abrigando espaços de ambiguidade e contradição que fogem ao que é formulado pelos saberes estabilizados.

Zizek (2010), nos diz que o sujeito poderia ser radicalmente alienado, como se fosse um espaço vazio, pronto para ser simbolizado pelo conteúdo oferecido pelo outro, se não houvesse a possibilidade da fantasia. Essa noção, discutida pelo autor, tem relação com o “nível em que a ideologia estrutura a própria realidade social” (ZIZEK, 2010, p. 314). Assim, através do efeito de há um saber sobre o corpo, isto é, tem-se uma evidência de como se estrutura um corpo, ou seja, a forma que esse corpo assume (deve assumir) em nossa formação social.

A noção de fantasia destitui assim como uma possibilidade de resposta do desejo do Outro, que, ainda assim, não será suficiente para preencher as lacunas do real. Um corpo que não corresponde ao desejo do Outro é um corpo que falha em apresentar a forma estabilizada, tornando-se um corpo que escapa ao estabelecido, ao esperado.

Em nosso corpus de análise, apresentaremos sequências discursivas formadas por imagens do corpo feminino. Essas sequências foram produzidas por sujeitos mulheres, alunas do programa Mulheres Mil, ocorrido no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). O projeto Mulheres Mil tem o objetivo de oferecer cursos de formação continuada com vistas à profissionalização e capacitação de mulheres em situação de vulnerabilidade social, atendendo a um grupo específico de sujeitos, priorizando temas como a promoção da saúde, direitos e deveres, inclusão, exercício da cidadania, entre outros² (BRASIL, 2015).

Na execução do projeto, solicitamos às mulheres-alunas que produzissem uma atividade na qual deveriam refletir sobre as questões identitárias relativas à constituição do corpo feminino. Assim, elas deveriam contornar os corpos umas das outras em papel. Após cada mulher deveria olhar o seu corpo representado e

² Essas informações foram obtidas no endereço eletrônico do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/superacao-da-extrema-pobreza%20/inclusao-productiva-urbana/programa-mulheres-mil>>. Acesso em 02/09/2015.

complementá-lo através da colagem de imagens retiradas de revistas ou escrita/colagem de palavras que mostrassem como seus corpos eram vistos pelos próprios olhares desses sujeitos. A partir desse gesto, tentamos entender, fundamentados por Davallon (2010, p. 28) que “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de produção de significação; esta não lhe é transmitida e entregue toda pronta” (DAVALLON, 2010, p. 28). Assim, estabelecendo uma relação de distanciamento e aproximação, em que o sujeito vê seu corpo a partir da exterioridade, como se o corpo seu fosse um corpo outro.

A partir dessa atividade, gostaríamos de ver a relação entre a imagem do corpo idealizado, principalmente nas revistas, impregnadas com fotos de modelos e atrizes exibindo corpos idealizados, manipulados e impossíveis e os corpos diários, ordinários, reais e possíveis das mulheres operárias, das mulheres estudantes, das mulheres vulneráveis. Assim, queríamos ver como o contorno dos corpos seria preenchido com as palavras e imagens, produzindo um efeito de fragmentação sobre o corpo.

Para corroborar nossa reflexão, analisamos duas sequências discursivas, nas quais o corpo anatômico e o corpo possível se confundem, mostrando como os significantes se colam a corpos únicos, constituindo um discurso que marca a interpretação desse corpo. Através da colagem de materialidades outras – as palavras escritas e/ou recortadas e coladas das revistas e as imagens recortadas e coladas sobre o papel, analisamos de modo o corpo passa de representação anatômica dos sujeitos a ser sustentado pelo traço, tornando-se uma sobreposição de significantes que fundam o gesto de interpretação desse corpo, mostrando o seu real, aquilo que não pode ser contornado, inscrevendo pelo traço, a resistência do sujeito.

ANÁLISE



SD1

Nessa sequência, o corpo feminino é representado através do olhar do sujeito-mulher, como um corpo que carrega outro. Notemos que o corpo é visto através de suas partes, e as formas do corpo se confundem tanto com o “conteúdo” quanto com os usos. As pernas que sustentam esse corpo são discursivizadas através dos significantes “força” e “mt força” [muita força] retomam a memória de um corpo cansado, que é enfraquecido ao mesmo tempo em que é fortalecido pela gestação. Os pés estão contornados por sapatos em um corpo que aparece em seu restante desnudado. As meias listradas de rosa e branco, imagens da revista que se sobrepõem ao traço do corpo, são a colagem no contorno do corpo feminino, da infância que se aproxima com a chegada do filho desse sujeito-mulher.

No ventre, está o contorno de um bebê – que ainda não possui um corpo definido, mas que, para essa mulher-mãe, já possui uma forma, que lembra as imagens de aparelhos de ultrassom, aparecendo, nesse contorno tão delicado das formas da mãe e de seu bebê como a irrupção de um discurso de verdade, o discurso da ciência, que traz uma imagem petrificada, estabelecida, do que é um

bebê no ventre da mãe. O discurso científico, da saúde, aparece na expressão linguística “alimentação saudável”, circulada por imagens de vegetais, frutas e grãos, mostrando como esse discurso médico, em relação à saúde, incide na imagem do corpo do sujeito. “Fora” do corpo, o símbolo da seta nos leva ao item lexical “fé”, levando-nos a ver um corpo ambíguo, atravessado não apenas pelo discurso científico, mas também pelo discurso religioso. A presença desses discursos desvela um sujeito desejante que busca produzir um efeito de completude para seu corpo (e o corpo outro que gesta).

Nas mãos, a imagem de personagens infantis lendo, junto a uma criança, e o enunciado que expressa a ordem: “estimule a imaginação do seu filho”. Na outra mão, uma profusão de esmaltes, lembrando que a mulher-mãe também é uma mulher vaidosa. Nesse fragmento do corpo, recordamos a noção de metonímia como uma falta para esse corpo que se constitui como uma concretude: as mãos sustentam livros, as unhas servem para serem pintadas. Acreditamos que as imagens coladas ocultam uma falta – a falta expressa pelo gesto acarinhador e suave da mão da mulher-mãe. Nesse fragmento, assim como na imagem de um tubo de desodorante junto à representação da axila, demonstra esse corpo como um corpo de uso, em que as partes dos corpos se confundem com as mercadorias, dando a esse corpo um status de produto, reificando-o, como nos diz Zizek (2010, p. 314): “por trás das coisas, da relação entre as coisas, devemos identificar as relações sociais, as relações entre os sujeitos humanos”.

Os itens lexicais “calma” e “carinhosa” escritos ao redor do corpo nos levam a pensar sobre os qualificativos que significam nesse discurso como palavras que vêm do exterior, de um lugar outro. A visão que o sujeito tem de si, que constitui seu modo de subjetivação e o modo como quer ser vista também pelo outro. Na cabeça, o rosto, ao contrário das outras “partes”, não é contornado pelo lápis, mas é ressignificado por uma imagem da revista que retoma o imaginário da mãe junto ao seu bebê. O item lexical “esperança” nos remete também à imagem, fazendo-nos pensar nessa imagem como a esperança do sujeito-mulher em realizar-se como mãe, mas também relacionamos esse significante à própria espera, a espera que há em tornar-se mãe.



SD2

Nessa SD, temos a imagem de um corpo que significa através da colagem de alguns significantes em suas “partes”: nas pernas, o enunciado “gosto de andar com minhas próprias pernas e me sentir livre”. Percebemos aqui um deslocamento entre a noção de corpo anatômico para a simbolização, o que provoca uma ressignificação, ou seja, a passagem a outro significado, que difere do esperado, pois aqui, as pernas passam a ter sentido de movimento, de liberdade. Do mesmo modo, nas mãos, o significante “trabalho” retoma a memória das mãos operárias, capazes de executar uma atividade, que desvelam o sentido da força do sujeito-mulher.

Contudo, na representação do ventre, o sujeito-mulher, mais uma vez, significa através da concretude, da sobreposição dos significantes: o corpo em uma perspectiva de uso, numa sobreposição de sentidos em que a barriga significa a fome e a saciedade, através da imagem da comida compartilhada. No peito, a imagem do coração – a sobreposição do lugar do coração no corpo anatômico no corpo contornado.

Por sua vez, os enunciados “de corpo e alma” remetem novamente ao discurso religioso, à dualidade pela qual o discurso religioso separa a carne e o espírito. A alma, como nos fala Foucault (2008, p. 29), como a “prisão do corpo”: a ambiguidade do corpo que oscila entre o desejo de ser livre e as prisões do discurso religioso. Corroborando esse sentido, os significantes “amor” e “ansiedade” remetem ao lugar do desejo nesse corpo, às faltas do corpo que são preenchidas pela linguagem e que denunciam as falhas.

Na face representada, tal como a SD1, a sobreposição de uma imagem pronta e produzida pelo recorte da revista dá lugar ao traço delicado do lápis no papel. Ao colar uma imagem de um rosto no corpo desenhado, pensamos se esse sujeito-mulher não estaria buscando um processo de identificação com o já-sabido a respeito do feminino, como se o rosto bem acabado e bem formatado fosse a síntese de um corpo que é falho na forma, falho no traço, trazendo a esse discurso a contradição entre o real do corpo e o imaginário recortado pela imagem.

IMPRESSÕES FINAIS

Podemos perceber que há um deslocamento entre o saber anatômico – que classifica o corpo em partes para um saber que constrói um corpo possível, considerando a historicidade desse corpo e o percurso identitário realizado pelo sujeito. A sobreposição de imagens e o preenchimento dos corpos contornados com os significantes são exemplos da tentativa de fazer esse corpo falar, isto é, constituir-se como discurso. Essas marcas mostram a relação do sujeito-mulher e os saberes de resistência que são construídos.

Assim, nas sequências discursivas analisadas, demonstramos como o discurso se produz através das marcas significantes – imagens, palavras, traços – que tentam representar o modo de subjetivação desses sujeitos cujos corpos são vistos como instrumentos, muitas vezes confundindo-se com as mercadorias que são sobrepostas. No entanto, percebemos as marcas de resistência que deslocam os saberes do corpo a lugares outros, provocando a suspensão dos sentidos estabilizados, provocando-nos a pensar que esses corpos, traçados no papel em branco, são irrepetíveis.

No efeito de fragmentação que se funda ao construir um discurso sobre o próprio corpo, observamos um rompimento com a representação totalizante de um corpo completo. Há uma deriva dos sentidos em relação às partes do corpo, em que os modos de subjetivação dos sujeitos passam a ser constituídos em um deslocamento entre a anatomia e o corpo possível, o corpo com o qual esses sujeitos-mulheres se identificam. Dessa maneira, a falha do corpo seria preenchida, nomeada. Assim, em uma tentativa de conter o esvaziamento de sentidos é que o sentido se produziria.

Esses corpos se deslocam da identidade maquiada das mulheres das revistas para se sobreporem aos rostos dos sujeitos-mulheres. As análises demonstram um corpo que serve para: serve para comer, para pintar as unhas, para dar à luz. Mas também mostram um corpo cujas memórias ressoam nas mãos que desvelam os sentidos do trabalho, nas pernas que desejam o movimento e a liberdade a força e no desejo que funda a linguagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Programa Mulheres Mil*. Ministério do desenvolvimento social e combate à fome. Disponível em <<http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/superacao-da-extrema-pobreza%20inclusao-productiva-urbana/programa-mulheres-mil>> . Acesso em 02/09/2015.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória?. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2010.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. *Redisco*, Vitória da Conquista, vol. 2, nº1. 2013. <<http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/1996/1723>>. Acesso em 09/09/2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma. In : ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.